

Os 150 anos de um épico americano

Folhas da Relva, que tornou Walt Whitman poeta universal, ganha nova tradução no Brasil, com base no original de 1855

Nos primeiros dias de julho de 1855, foi lançado no Brooklyn e em New York um livrinho de 96 páginas, com 12 longos poemas. A publicação não era assinada e tampouco fazia menção ao editor. A denunciar discretamente a autoria, a foto de um homem na meia idade, em mangas de camisa, e o poema que, mais tarde, viria a se chamar *Song of Myself* (*Canto de Mim Mesmo*):

“Walt Whitman, um cosmos, o filho de Manhattan/Turbulento, carnal, sensual, comendo, bebendo e procriando,/Não é um sentimental, não olha de cima os homens e as mulheres/nem se afasta deles,/Não é mais modesto que imodesto”. (Tradução de José Agostinho Baptista).

O autor chamava-se Walter Whitman Jr., auto nomeado Walt Whitman, o “cosmos” do primeiro verso, e o livro *Leaves of Grass* (*Folhas da Relva*) — na avaliação de Jorge Luis Borges, “o experimento mais audaz e mais vasto que a história da literatura registra”. Em julho de 2005, portanto, o livro completou 150 anos. Não obstante, ainda que se trate de obra inovadora e seminal, fundadora de um estilo e influenciadora de toda uma estirpe de poetas (como Maiakovski, Pound, Pessoa, Garcia Lorca, Neruda, Allen Ginsberg e, entre nós, o Carlos Drummond de Andrade de *A Rosa do Povo*, 1945, o Roberto Piva de *Paranóia*, 1963, e o Carlos Felipe Moisés de *Carta de Marear*, 1966, entre outros), no Brasil a data passou quase despercebida — por desatenção, pachorra ou, mais provavelmente, pela “angústia da influência”, como descrita por Harold Bloom, em livro homônimo — tão conhecido, quanto lamentavelmente pouco lido.

Essa falta acaba de ser parcialmente corrigida, com a publicação de *Leaves of Grass* (*Folhas de Relva*). Executada pelo poeta Rodrigo Garcia Lopes, a tradução brasileira toma por base a edição original, de 1855 (ver box).

Leaves of Grass surge no momento em que os Estados Unidos da América, quase um século depois de sua independência, expandem suas fronteiras rumo ao Oeste bravo, e o capitalismo encontra sua pátria. Nesse contexto, Whitman denuncia a forte influência que sofreu do filósofo seu compatriota Ralph Waldo Emerson, e apresenta-se como o poeta que irá cantar e celebrar a epopéia da democracia americana e a igualdade de todos os homens – os homens livres da América, cumpre destacar. Nessa época, nota Borges, “o orbe inteiro tinha os olhos postos na América e em sua atlética democracia”.

Walter Whitman Jr. nasceu em 31 de maio de 1939, em West Hills, Long Island, Estado de New York. Como muitas famílias da região, descendia de holandeses, por parte de mãe, e de ingleses, por parte de pai. Em 1823 a família muda-se para o então efervescente Brooklyn. Segundo na linhagem de nove filhos, freqüenta a escola pública de 1825 a 1830, e dessa data até 1838, trabalha como aprendiz de

tipografia, como impressor e professor. Entre 1836 e 1849, edita diversos jornais, alguns de prestígio, como o *Brooklin Daily Eagle*, e entre 1850 e 1855 especula no mercado imobiliário de New York. Ao longo desses anos, inspirado por suas andanças e múltiplas vivências, Whitman publica histórias, poemas e artigos em jornais e revistas de literatura sem, todavia, angariar reconhecimento ou prestígio.

Quando lança *Leaves of Grass*, na primeira metade de 1855, sua vida ganha novo impulso (consta que se desfez de uma casa para custear a publicação do livro). Entre o ano de seu lançamento e 1892, o poeta publicou, ou imprimiu às próprias expensas, ao menos nove edições independentes de *Leaves of Grass*, todas diferentes, seja na quantidade de poemas, seja em sua organização interna.

Assim, se na primeira edição a obra contém 12 poemas sem título, na seguinte, lançada no verão de 1856, já serão 32 poemas, intitulados e numerados. Nessa segunda edição, Whitman inclui um novo poema, intitulado *Sun-Down Poem*, que, anos mais tarde, passaria a ser conhecido como *Crossing Brooklyn Ferry (Tomando a balsa para o Brooklyn)*. Sua primeira estrofe diz:

“A maré se erguendo aos meus pés! Eu te encaro de frente!/ Nuvens do oeste, o sol, ao longe, meia hora depois da aurora, eu vos encaro também./Multidões de homens e mulheres em suas roupas habituais/como vocês são interessantes!/ Nos ferry-boats, as centenas e centenas de pessoas,/retornando à casa, são ainda mais interessantes do que você imagina./E vocês, que vão atravessar de margem a margem, ano após ano,/vocês significam mais para mim, e mais em meus pensamentos,/do que jamais poderiam imaginar”. (Tradução de Maria Emilia Guttilla e Rodolfo Witzig Guttilla).

A terceira edição de *Leaves of Grass*, primeira publicada por uma editora de mercado, em 1860, traz caudalosos 154 poemas. Entre as várias novidades, peças essenciais como *Calamus* e *Starting from Paumanok* (originalmente intitulado *Premonition*), um dos poemas mais conhecidos e traduzidos de Whitman, *Saindo de Paumanok*:

“Saindo da ilha em forma de peixe/onde eu nasci – Paumanok –/bem concebido e criado por uma perfeita mãe, depois de andar muitas terras,/morando em Manhatta, cidade minha,/ou nas savanas do Sul,/ou soldado acampado ou carregando/o fuzil e a mochila,/ou labutando nas minas da Califórnia,/ou bronco em minha casa nos bosques de Dakota,/a comer e a beber água de fonte,/ou escondido para meditar/em algum canto bem fundo/longe do estrídulo das multidões,/intervalo de enlevo e de beatitude,/sabendo as águas frescas do Missouri/que fluem generosas/e o poderio das quedas do Niagara,/sabendo os búfalos que escarvam as planícies/e o touro forte e peludo/e a terra e as pedras e as flores da quinta-lua/e as estrelas e a chuva/e a neve, encantos meus,/sabendo todos os tons do pássaro-imitador/e o vôo do gavião/e tendo ouvido na aurora o pássaro sem rival/e o canto rouco do tordo/em meio aos cedros dos brejos –/solitário a cantar em pleno Oeste/eu brindo a um Novo Mundo. (Tradução de Geir Campos)

Nesse poema, Whitman revela, na descrição de Borges, sua “natureza biforme”. Segundo o escritor argentino, o poeta é, a um só tempo, “o modesto jornalista Walter Whitman, oriundo de Long Island, que algum amigo apressado saudaria nas calçadas de Manhattan, e é, também, o outro que o primeiro queria ser e não foi, um homem de aventura e de amor, indolente, corajoso e despreocupado, explorador da América. Assim, em uma página da obra Whitman nasce em Long Island; em outras, no Sul”. (5)

Com a eclosão da Guerra Civil, em 1861, Withman muda-se para Washington, a fim de cuidar do irmão, ferido no conflito, e dedica-se a tratar de soldados feridos, como voluntário, nos hospitais da cidade. Em maio de 1865, publica *Drum Taps*, poemas da guerra, mais tarde incorporados a *Leaves of Grass*. Esses poemas alternam a empolgação retórica, patriótica, com o reconhecimento doloroso do significado da guerra e da morte de centenas de cidadãos americanos. Publicado no final de 1865, *Sequel to Drum Taps*, depois renomeado para *Memories of President Lincoln*, contém sua grande elegia à figura que ele considera o “grande chefe mártir da democracia”. O poema *O Captain! My Captain!* é uma alegoria dessa epopéia americana, de proporções trágicas (em anos recentes, esse poema foi amplamente divulgado, graças ao filme *Dead Poets Society*, Sociedade dos Poetas Mortos, dirigido por Peter Weir).

Em 1881, Whitman lança a sétima edição de *Leaves of Grass*, em que fixa definitivamente a ordem dos poemas e a estrutura da obra. A partir dessa edição, os novos poemas que surgiriam seriam incluídos em anexos, até a oitava e penúltima publicação, em vida do autor, em 1889. Ato contínuo, o poeta começa a preparar aquela que ficaria conhecida entre os críticos como “versão do leito-de-morte”, uma vez que Whitman morreria naquele mesmo ano. Publicada em 1892, essa edição, a nona, consagraria o escritor como uma das vozes mais representativas da poesia norte-americana.

Proclamando o credo de que a poesia é uma forma de conhecimento de si e do próximo, e que advém das forças primordiais da Natureza, fonte de toda a vida — das estrelas, dos pássaros, do oceano, da terra e da relva, das folhas da relva — Whitman tornou-se universal. E infinito.

O Captain! My Captain!

Walt Whitman

O Captain! my Captain! our fearful trip is done,
The ship has weather'd every rack, the prize we sought is won,
The port is near, the bells I hear, the people all exulting,
While follow eyes the steady keel, the vessel grim and daring;
 But O heart! heart! heart!
 O the bleeding drops of red,

Where on the deck my Captain lies,
Fallen cold and dead.

O Captain! my Captain! rise up and hear the bells;
Rise up - for you the flag is flung - for you the bugle trills,
For you bouquets and ribbon'd wreaths - for you the shores
a - crowding,
For you they call, the swaying mass, their eager faces turning;
Here Captain! dear father!
This arm beneath your head!
It is some dream that on the deck,
You've fallen cold and dead.

My Captain does not answer, his lips are pale and still,
My father does not feel my arm, he has no pulse nor will,
The ship is anchor'd safe and sound, its voyage closed and done,
From fearful trip the victor ship come in with object won;
Exult O shores, and ring O bells!
But I with mournful tread,
Walk the deck my Captain lies,
Fallen cold and dead.

Leaves of Grass, edição de Signet Classics, de Nova York, lançada em fevereiro de 2005.

Ó Capitão! Meu Capitão!

Walt Whitman

Ó Capitão! Meu Capitão! Chegou ao fim nossa terrível jornada,
O navio suportou cada tormenta, a recompensa foi conquistada;
O porto está próximo, os sinos eu ouço, o povo exultante,
Ao avistar a firme nau, audaciosa e intimidante;
Mas ó dor! Dor! Dor!
Ó rubras gotas maculando o chão,
Do convés em que jaz meu Capitão,
Caído frio e morto.

Ó Capitão! Meu Capitão! Levanta e ouve os sinos;
Levanta - por ti a bandeira se agita - por ti o clarim soa,
Por ti bouquets e guirlandas com fitas - por ti a multidão na orla
se amontoa,
Por ti ela clama, a massa inquieta, rostos aflitos e impacientes;
Aqui Capitão! Querido pai!
Este braço sob tua cabeça!
É só um sonho que no convés
Tu caíste frio e morto.

Meu Capitão não responde, seus lábios estão imóveis e sem cor,
Meu pai não sente o meu braço, já não há mais desejo ou dor,
O navio está ancorado, seguro e ileso, chegou ao fim sua jornada,
Da viagem temerosa, a nau retorna vitoriosa com a recompensa
conquistada;

Exultem, ó da orla! E dobrem, ó sinos!
Mas eu, em um traçado torto,
Ando pelo convés em que meu Capitão jaz,
Caído frio e morto.

Tradução inédita de Rodolfo Witzig Guttilla.

Rodolfo Witzig Guttilla é antropólogo, jornalista e poeta, autor de *Uns & Outros Poemas, 1985*.

BOX

Trabalho difícil feito com talento e sensibilidade

O lançamento, em dezembro de 2005, de *Folhas de Relva*, tradução integral da primeira edição de *Leaves of Grass*, pela Editora Iluminuras, deve ser celebrado como um dos mais importantes acontecimentos da cena literária no país. Afinal, trata-se da primeira tradução integral, no Brasil, passados 150 anos de seu lançamento.

Se considerarmos a importância do livro e de seu autor – o “cosmos” Whitman – para a literatura e, em especial, para a poesia, a publicação vem preencher uma lacuna inexplicável. Com exceção de excertos de poemas da obra, traduzidos pelo poeta Geir Campos e publicados entre as décadas de 60 e 80, pouquíssimos foram os que se aventuraram a traduzir Whitman no Brasil.

Empreendida com talento, sensibilidade e rigor pelo poeta Rodrigo Garcia Lopes, a tradução mantém o ritmo original do autor, utiliza com precisão os recursos poéticos de sua oficina literária e, graças à escolha das palavras mais certas, adota a linguagem direta e vernacular – que foi a busca do poeta norte-americano, ao longo de sua vida.

Oscilando, no ofício da tradução, entre aproximar o leitor do autor (buscando manter-se fiel ao propósito e ao plano do poeta), ou trazer o autor para próximo do leitor (na busca de tornar sua temática e dicção mais contemporâneas, por assim dizer), ainda assim o resultado obtido por Garcia Lopes é de qualidade superior.

Por fim destaque-se o ensaio (em mais de um sentido heurístico) sobre vida, arte e ofício de Whitman, assinado por Garcia Lopes, para que a recém-lançada edição de *Folhas de Relva* já seja considerada um clássico.